

**OS TRÊS D DOS MEDIA:**  
DESIGUALDADE,  
DESPROFISSIONALIZAÇÃO  
E DESINFORMAÇÃO

**Outro Modo**

Cooperativa Cultural

TÍTULO OS TRÊS D DOS MEDIA:

DESIGUALDADE, DESPROFISSIONALIZAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO JOSÉ NUNO MATOS, FILIPA SUBTIL, CARLA BAPTISTA

AUTORES ELSA COSTA E SILVA, VASCO RIBEIRO, JOSÉ LUÍS GARCIA, SARA MEIRELES GRAÇA, CARLA MARTINS, FILIPA SUBTIL, MARIA JOÃO SILVEIRINHA, RITA BASÍLIO DE SIMÕES, JOSÉ NUNO MATOS, CARLOS CAMPONEZ, MADALENA OLIVEIRA, NELSON SILVA, TIAGO QUINTANILHA, JOAQUIM FIDALGO, DIOGO SILVA DA CUNHA, JOANA RAMALHO, JACINTO GODINHO, PAULO PENA, JOSÉ REBELO, CARLA BAPTISTA, PEDRO COELHO, MARISA TORRES DA SILVA, SANDRA MONTEIRO E JOÃO MIRANDA.

ISBN

978-989-54882-7-8

1ª EDIÇÃO

Abril 2021

CAPA E PAGINAÇÃO

André Luz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Nuno Domingos, Bruno Monteiro, Ana Estevens, João Baía e Nuno Medeiros.

EDITORA

Outro Modo Cooperativa Cultural

N. DL:

473179/20

IMPRESSÃO

Guide Artes Gráficas, Lda.

Rua Heróis de Chaimite 14, 2675-374 Odivelas

Fax 219 381 228, Telf. 219 381 200

Le Monde Diplomatique - edição portuguesa

mail: livros.lmd.pt@gmail.com

facebook.com / Edições Outro Modo

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

© Outro Modo, 2021

# OS TRÊS D DOS MEDIA: DESIGUALDADE, DESPROFISSIONALIZAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

JOSÉ NUNO MATOS  
FILIPA SUBTIL  
CARLA BAPTISTA

vertente, importa igualmente indagar se as narrativas jornalísticas constroem identidades coletivas equilibradas e inclusivas dos diferentes grupos sociais, contribuindo para a sua capacitação e participação cívica e, assim, para o vigor do espaço público.

Segundo a World Association of Newspapers<sup>24</sup>, “se as redações falharem a refletir as mulheres como iguais, tanto no seu espaço de trabalho como no conteúdo que produzem, estarão a perpetuar estereótipos e a reforçar as desigualdades de género. Isto aplica-se não apenas a mulheres, mas a transpessoas, sexualidade, raça, classe, religião e etnicidade”.

As representações mediáticas constituem um domínio de escrutínio, debate e negociação, visando a difusão de imagens mais justas. Uma das condições necessárias à superação das desigualdades é que estas sejam vistas, discutidas, reprovadas, enquadradas como problema social e político. O sistema de media retirará seguramente vantagens, inclusivamente económicas, em propiciar envolvimento e identificação dos seus públicos, vistos em primeiro lugar como membros da *polis* e não como audiências difusas e aleatórias.

Há uma análise adicional a fazer, interligada com o potencial papel transformador da sociedade desempenhado pelo jornalismo, evitando-se as excessivas simplificações. Nos media dominantes existem vozes e sensibilidades que resistem e desafiam os desequilíbrios. Vários projetos editoriais propõem proactivamente gramáticas alternativas de representação da realidade, superando estereótipos, induzindo visibilizações e contribuindo para a capacitação social. A este respeito, a única agência noticiosa nacional dá o exemplo, com o “Serviço Lusa IGEN Igualdade de Género”, através do qual se disponibiliza uma seleção de peças noticiosas sobre esta problemática.

24 WAN-IFRA (2020) ... *op. cit.*, p. 6.

## PROFISSIONALIZAÇÃO E DESPROFISSIONALIZAÇÃO DAS JORNALISTAS EM PORTUGAL: UMA REVISITAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Filipa Subtil<sup>25</sup> e Maria João Silveirinha<sup>26</sup>

Retomamos este texto em 2021, três anos depois de o termos escrito<sup>27</sup>. Fazemo-lo perante a necessidade que sentimos de insistir nos caminhos que tínhamos explorado e ainda porque a emergência da pandemia de COVID-19 trouxe novos elementos que reforçam as nossas preocupações. Embora tenhamos mantido grande parte do texto inicial, procuramos aprofundar as reflexões sobre um campo que, estando sempre em movimento, importa compreender melhor.

À semelhança do que ocorreu de forma transversal em todos os setores da sociedade, a crise pandémica, e os momentos de confinamento a que ela obrigou, deu visibilidade a muitos dos constrangimentos que as mulheres sofrem na profissão e que são o tema do presente texto. “É um período que traz à tona as dificuldades mais graves de um setor já precário e frágil”, dizia uma jornalista

25 Doutorada em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, docente na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa e investigadora integrada do ICNOVA. Os seus interesses de investigação têm-se centrado na Sociologia da Comunicação, na teoria social dos media nos EUA e Canadá e nas problemáticas que relacionam os media com as questões de género, áreas onde tem vindo a publicar.

26 Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. É professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Os seus interesses de investigação visam a Sociologia da Comunicação, a teoria social e política da comunicação, tendo privilegiado em particular a investigação das questões de género na comunicação.

27 SUBTIL, F., SILVEIRINHA, M. J. (2017), “Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização”. In J. N. MATOS, C. BAPTISTA e F. SUBTIL (org.), *A Crise do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Le Monde Diplomatique/Deriva, pp. 122-133.